

AUTORES & LIVROS

Ano 10
7/5/1944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. VI
Dum. 15

Notícia sobre Silvío Romero

Silvío Romero — cujo nome primitivamente Silvío Vasconcelos da Silveira Ramos — nasceu na Vila do Lagarto (hoje em Sergipe, em 21 de março de 1891. Era filho do engenheiro André Ramos Romero e da dona Maria Vasconcelos da Silveira Ramos.

Quando apenas seis semanas de idade, quando uma epidemia de amarela invadiu o Lagarto e se estendeu por outras cidades do Norte, o pequeno foi então levado para o seio dos seus avós maternos — o Engenheiro Moreira — e quatro leguas de distância, para a fazenda chamada Plauí. Ali viveu até os cinco anos de idade. Mais tarde, no depoimento biográfico que deu a *Revista do Rio* para o Inquérito do *Revista Literária*, o escritor narra essa fase inicial de sua vida, atribuindo a esse período o convívio em que se estabeleceu com a gente moçambique e cheia de poesia brasileira, certas origens e certos perfumes do Brasil.

Em 1903, depois de Sergipe outra vez invadida pela epidemia de amarela, Silvío Romero se vê obrigado a deixar o Engenheiro Moreira e regressar ao Lagarto. Silvío nessa cidade, com os pais, até os sete anos de idade. Ali nasceu o primeiro primogênito, e a escola mista do professor Rodolfo.

Em 1903, parte para a Corte, para estudar a preparação. Aos 15 está matriculado em uma turma interna, no Ateneu Municipal, dirigida por Antônio Pedro dos Reis. Em 64 regressa ao Norte, matriculando no primeiro ano da Faculdade de Direito do Recife, tendo sido como colega de turma naquele estabelecimento o de Magalhães, o brilhante poeta do romantista e folclórico, que o próprio Silvío mais tarde evocará com tanta saudade: Antônio Hercúlio de Souza Bandeira; Domingos Eládio, outro romancista ilustre; Fernando Luis Osório e Carlos Galvão, que chegaram a membros do Supremo Tribunal; Joaquim Ferreira Chaves Júnior, que chegou a governador do Rio Grande do Norte e a ministro da Marinha e da Justiça; e Wanderson Neiva, que foi secretário para o ministro do Supremo Tribunal Militar.

Em Recife, encontra Silvío, Tobias Barreto, seu conterrâneo, e desde logo a mais estreita compreensão os liga. Tobias cursava o 4.º ano quando Silvío se matriculou no primeiro.

No ano seguinte, começa Silvío a sua atuação jornalística na imprensa pernambucana, publicando a monografia *A Poesia contemporânea e a sua influência naturalista*. Desde então, mantém sua colaboração, ora como poeta, nas folhas recifenses, convivendo entre estas *A Crença*, que ele próprio dirigia juntamente com Celso de Magalhães; o *Americano*; o *Correio de Pernambuco*; o *Diário de Pernambuco*; o *Movimento*; o *Jornal do Recife*; a *República*; o *Trabalho*; o *Liberal*.

Em 12 de novembro de 1873, tinha concluído o curso de Direito. Parte então para o Lagarto, em visita à família. Diz Carlos Sussekind de Mendonça que no ano seguinte ele foi promotor público na cidade sergipana de Estância. E logo depois é deputado provincial.

Em 74, porém, regressa ao Recife, para tentar fazer-se professor de Filosofia no Colégio das Artes. Realiza-se o concurso no ano seguinte e ele é classificado em primeiro lugar. Mas a Congregação resolveu anular o concurso, convocando os candidatos a nova prova, a se realizar em 76. Em março de 75, porém, Silvío resolve defender teses, para conquistar o grau de doutor. E nesse concurso que Silvío se ergue contra a Congregação da Faculdade de Direito do Recife, discutindo, com grande vantagem, com professores como Tavares Bello, e Coelho Rodrigues e o diretor do estabelecimento, Paula Batista. Foi na argumentação de Coelho Rodrigues que se travou o famoso diálogo, Silvío, acusado por Coelho Rodrigues de, sendo contrário a metafísica, recusar um argumento a posteriori, retruza:

— Não não há metafísica, sr. dr. Há lógica. Coelho Rodrigues: — A lógica não exclui a metafísica.

Silvío: — A metafísica não existe mais, sr. dr. Se não sabia, saiba. Coelho Rodrigues: — Não sabia...

Silvío: — Pois vá estudar e aprender para saber que a metafísica está morta. Coelho Rodrigues: — E quem a matou foi o senhor?

Silvío: — Foi o progresso, sr. dr. Foi a civilização, sr. dr. E ergue-se imediatamente, arrastando os livros que havia levado e que se achavam sobre

a mesa, e exclamando: — Não estou para aturar essa corja de ignorantes, que nada sabem de nada.

E ainda abandonou a sala da Faculdade. Foi então submetido a processo de injúria pela Congregação, tendo sido plenamente absolvido (dis Arminio Guarani); não tendo o processo ido adiante (dis Sussekind de Mendonça).

Ainda em fins de 75 vem ele ao Rio. Regressa ao Recife no ano seguinte e casa-se com dona Maria Diamantina de Araújo, filha de João Firmino Correia de Araújo e dona Inês Correia de Araújo, e irmã do poeta e jurista pernambucano, Francisco Aílino Correia de Araújo.

Em 76, deixa Recife e vem fixar residência no Sul. Vai para Parati, como juiz municipal, e ali demora dois anos e meio. Em 79 está morando no Rio, e começa logo a colaborar em *O Reporter*, de Lopes Trovão. Ali publica a sua famosa série de perfis políticos.

No ano seguinte, presta concurso para a cadeira de Filosofia no Instituto do Pedro II, sendo classificado em primeiro lugar. Foi nomeado para o ambicionado lugar a 30 de janeiro de 1883. Mais tarde, passou para a cadeira de Lógica do mesmo estabelecimento. Em 1888 é transferido para a mesma cadeira no curso do Externato do Pedro II. O decreto, porém, é tornado sem efeito. Publicou-se como professor do Instituto em 2 de junho de 1890.

No governo de Campos Sales, foi deputado provincial e depois federal pelo Estado de Sergipe. Quando exercia esse último mandato, foi escolhido relator da Comissão dos 21 do Código Civil. Representou o Brasil em várias conferências europeias e recebeu do governo português a comenda de S. Tiago.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criando a cadeira n.º 17, que tem como patrono Hipólito da Costa. Naquela instituição recebeu Euclides da Cunha, e foi substituído por Caio Duque Estrada.

Faleceu Silvío Romero nesta cidade, em 18 de julho de 1914.

A POESIA É COMO A MÚSICA

SILVIO ROMERO

A poesia deve ser sempre a expressão de um estado emocional, subjetivo, íntimo. É como a música — é vaga e não deve ser submetida a exigências demonstrativas. Ela por que todos os formuladores de teses, quando passam à experiência, nada fazem de aproveitável; é sempre uma poesia de "arriete pensão", premeditada, vestida em umas juponas doutrinárias, sem espontaneidade, sem limpidez, sem ênfase, sem graça, uma coisa terrível em suma. (Estudos de Literatura Contemporânea).



SILVIO ROMERO

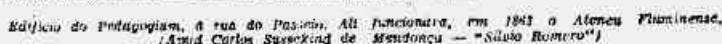
SUMÁRIO

- PAGINA 229:
 - Notícia sobre Silvío Romero.
 - O trabalho do poeta, de Silvío Romero.
 - A poesia é como a música, de Silvío Romero.
 - PAGINAS 238 e 231:
 - Silvío Romero, de Clovis Bevilacqua.
 - Bibliografia de Silvío Romero.
 - O Mal de não saber agradecer, de Silvío Romero.
 - O Brasileiro e o Português, de Silvío Romero.
 - PAGINA 232:
 - Ideias e Opiniões de Silvío Romero, de João do Rio.
 - PAGINA 233:
 - Desacordo com Tobias, de Silvío Romero.
 - Contos populares, de Silvío Romero.
 - A Raposa e a Cegonha — O câgado e o teio.
 - PAGINA 234:
 - Arte e Ciência, de Silvío Romero.
 - Silvío Romero, numa síntese de Sousa Bandeira.
 - A questão de estilo, de Silvío Romero.
 - Um programa de trabalho, de Silvío Romero.
 - Silvío Romero num conceito de Machado de Assis.
 - PAGINA 235:
 - Silvío Romero, polemista (Trecho de estudo), de Silvío Romero.
 - Silvío Romero, de Ronald de Carvalho.
 - PAGINA 236:
 - Correspondência de escritores. Uma carta de Silvío Romero a João Ribeiro.
 - Carta de Silvío Romero a Couto de Magalhães.
 - O nome de Silvío Romero, de Labieno (Lafayette Rodrigues Pereira).
 - PAGINA 237:
 - O Romantismo no Brasil, de Silvío Romero.
 - O povo brasileiro como grupo etnográfico, de Silvío Romero.
 - Sistema filosófico, de Silvío Romero.
 - PAGINAS 238, 240 e 241:
 - Os Paises Inexistentes, de Mucio Leão.
 - Os paises Inexistentes.
 - Nihilism.
 - Nos jardins que estão fora do tempo.
 - Poemas.
 - A Musa e a Criação.
 - O escabelo da Musa.
 - Tua dor.
 - O Querube.
 - Mãos.
 - Salmo.
 - As estrelas paradas.
 - Sentimento misterioso.
 - A Música.
 - Borboleta.
 - O Corpo e a Alma.
 - As mãos desligadas do corpo.
 - O Creio.
 - As três meças.
 - Parlii.
 - A poesia que desce ao poeta.
 - Cortejo.
 - Arcoritis.
 - A Dançarina.
 - Cântico de Aldeia.
 - O hóspede.
 - A neve esguirge o mundo.
 - Viagem à região de uma lenda.
 - O poeta escreve delirio das pedras.
 - Advertência aos homens futuros.
- PAGINA 242:
 - A arte moderna no Brasil, de Raul de São Victor.
 - A arte de Orlando Teófilo.
- PAGINA 243:
 - Um noivado de Elías — Um depoimento interessante — Carta de Pedro Penchel a Mucio Leão.
 - Nota sobre a "Vilória da Literatura Brasileira", de Silvío Romero (3.ª edição).
 - Ouvindo a grande pianista Maria de Falco, de Laurindo de Brito.
 - Heredia em português — 18 traduções de Freitas Guimarães.
 - I — Corredor.
 - II — A vida dos Mortos.
 - III — Imitando Petrarca.
 - IV — Sobre o "Livro dos Amores", de P. Ronsard.
 - V — Epifania.
 - VI — Fuga de Centauros.
 - VII — Sobre e Orlis.
 - VIII — Villula.
 - IX — Esmalte.
 - X — O Samural.
 - XI — O recife de coral.
 - XII — A jovem morta.
 - XIII — Sobre um mármore partido.
 - XIV — A Planta.
 - XV — O hano das ninfas.
 - XVI — For de Sol.

O TRABALHO DO POETA-Silvío Romero

A exposição de doutrinas fica muito bem nos livros de ciência, e cada um de nós quando quiser ler uma teoria positivista ou transformista, do universo sabe onde deve ir buscá-la. A poesia em tudo quanto a ciência ensina, tem apenas por missão despertar os sentimentos novos que as novas doutrinas vem inspirar. O trabalho do

poeta é como o das abelhas, cujo mel, vindo de muitas flores, não se confunde com elas. Montaigne teve razão em dizer naquela seu trecho tantas vezes citado: "Les abeilles pillent de ça et de là les fleurs; mais elles en font après le miel qui est tout leur; ce n'est plus thym ni marjolaine".

[illegible]

O MAL DE NÃO SABER AGRADAR - *Silvio Romero*

Ah! e também eu gostaria de dizer que as lutas ali travadas foram privilegiadas aqui.
 Obrigado aos "Varões Esportivos" de Tobias Barreto paginas XXII e seguintes.

Silvio Romero

[illegible]

aproveite-se para dominar o vosso caminho. Nos
seus livros, que deveis ler com frequência, encon-
trareis, em verdade, muitos dos conhecimentos que vos pa-
rairão de sobre a vida, e que vos poderão procu-
rar. Entre as vantagens que essa leitura vos tra-
ha de, certamente sobressai a de nos destinos
do Brasil. Aprendendo, nesses livros, a conhecer o
Brasil, sentireis revigorado o vosso sentimento de pa-
trio, sem prejuízo do sentimento de fraternidade
humana, que deverá ser a dilatação daquele.

Um Brasil grande por sua cultura moral, mais ainda do que por suas riquezas; forte pela liberdade juridicamente organizada, e não pelos artifícios burocráticos da política de vistas curtas; reconcili-

do, no mundo internacional porque respeita os legítimos interesses de todos os povos, e a aspiração que deveis ter, eis aqui deve ser a viva superior de vossos estudos. E para atingi-lo o espírito luminoso de Syllós Romero vos será, como Virgílio ao Dante, precioso guia e mestre.

(Revista da Academia — Fevereiro — 1928).

(*) Conferência feita na sessão solene de inauguração do Grêmio Selye em São Paulo, na Casa da Defesa Nacional, aos 20 de setembro de 1935.

(1) Verja-se o vol. 3.º, pag. 233, desta Revista.

Idéias e Opiniões de Sílvia Romero — João do Rio

Dez dias depois de mandar o meu questionário para a Camphila, onde o mestre remedia toda a minha obra, recebi uma carta que significava que eu pude resumir em duas frases: "E depois, não ver si faço".

Dez dias mais duas semanas e outra carta surgiu. "Tanto trabalho fez-me neurastênico. Não posso responder nestes trinta dias."

Fiquei descorado. Entretanto, não esperi muito. Ainda não decorrida metade do tempo destinado para o repouso do insubornável espírito, recebi com a resposta este simples bilhete: "Não pude escrever. Lá vai a coisa. Si não voltar rápido."

A coisa era esta extraordinária carta, cheia de morbidez e de humor.

"Meu amigo. — O seu questionário põe-me em sérios embarras. Logo que o recebi, supuz ser coisa fácil e o dar-lhe brevíssima resposta.

Quando me afundei em mim mesmo, para sondar como se me tinha opaco o que se poderia chamar a minha origem e formação espiritual, concluí que essa espécie de exame de consciência não era nada fácil.

Achei, em minha alma, meio velada, num semi-crepusculo subjetivo, tantas antropologias, etnografias, linguísticas, sociologias, críticas religiosas, folclóricas, junteiras, políticas e literárias, que tive medo de bulir com elas e me meter nesse metagaláxi.

Conheci, sem esforço e para não mal, que, si não sou ao pé da letra um seculista, não me cabe também a denominação de literato, no sentido restritivo, que este qualificativo tem entre nós e parece ser a intuição por voce abragada, quando diz no auto de perguntas: De seus trabalhos quais as obras ou capítulos, quais os contos, quais as poesias que prefere?

Escrevi, é certo, algumas poesias, entre as doze e vinte e cinco anos, que andam aí em dois volumes. Mas foi só.

Não tenho romances, contos, novelas, dramas, comédias, tragédias, folhetins, crônicas, fantásmas.

Não nada disso.

Conheci, mais e de subito, que essas confissões de autores são coisa perigosa: se se diz pouco, parece simplicidade afetada e insincera; si se diz um tanto mais, parece fatuidade e pedanteria.

Quiz fugir à resposta; mas estava preso pela promessa.

Palavra de tabaco não torna atrás.

Al vai, pois.

Em mim o caso literário é campêlido e anda tão misturado com situações críticas, filosóficas, científicas e ateológicas, que nunca o pude delas separar, nem mesmo agora para lhe responder.

Não diva nenhuma preocupação literária, científica ou outros quaisquer.

Quando escrevi a primeira poesia, o primeiro artigo de crítica, tinha doze anos e meio bem passados e já andava matriculado na faculdade do Recife.

Para lhe dizer tudo, devo partir do princípio.

Preso com acanhamento, mas e indigestível.

Nestes assuntos eu tudo ou nada. Não se assume, certo breve.

Como caráter e temperamento, sou hule o que era aos cinco anos de idade.

Não se admira; é que sou, me assim posso dizer, uma vítima das duas primeiras, mas famosas e mais terríveis epidemias que devastaram o Brasil no século XIX.

Em 1851, ano em que nasci, foi nossa terra invadida por

uma violenta epidemia de febre mas, que se estendeu por várias províncias.

A vila sertaneja em que nasci, em Serapi, o Lagarto, não ficou immune.

Minha mãe teve a febre supõe-se que já era a hoje nossa patriarcal, mal conhecida — a amarela; esteve a portas da morte, não me podia amamentar. Eu tinha seis semanas. Foi transportado para oengenho de meus avós maternos a quatro leguas de distância, na região chamada o Piauí, de um rio deste nome que ali corre águas turvas e cortadas no tempo das secas.

O sítio era delicioso, com trechos de mata virgem, belos outeiros fronteiros, riachos corrente e o engenho. Este era todo de animais. São os mais poéticos nas cenas de sua movimentação específica. Basta a almanjara imantada — chamada-se lá, para por em tudo uma nota festiva.

Fiquei no engenho Moreira, tal é sua denominação, até aos cinco anos. Dos três em diante a moagem era para mim um encanto.

Quando os bois ou cavalos eram bem mansos, eu trepava também na almanjara e ajudava a cantar alguns dos tangidos.

"Pomba vóu, meu camarada. Avoua, que hei de fazer? Quem de noite leva a boia, De dia que vai de comerr?"

Ainda agora sinto no ouvido a melodia simples e monolônica desses e de outros versinhos do gênero; e invade a saudade, doce companheira a quem devo nos dias tristes de hoje as raras horas de prazer de minha vida.

Tudo que sinto do povo brasileiro, todo meu brasileiroismo, todo meu nativismo vem daí e daí me vem a alma.

Nunca mais o pude arrancar d'alma, por mais que depois viesse a conhecer as definições de essa gente, que são também os meus defeitos.

Outra coisa me ficou enraizada no espírito, e com tanta-pia tenacidade, que nunca mais houve crítica ou ciência que dali me a extirpasse: — a religião.

Devo isso à minha mãe, de estimação, a quem foram, em casa de meus avós, encarragados os devotos de minha meninice.

Ainda hoje, existe, nonagenária, no Lagarto, ao lado de minha mãe, essa adorada Antonia, a quem me costumo a chamar também de mãe. É um dos meus ídolos, dos mais recatados e mais queridos.

Nunca vi creatura tão meiga e nunca vi revar tanto.

Dormia comigo no mesmo quarto, e, quando, por alta noite, eu acordava, lá estava ela de joelhos... rezando.

Bem cedo aprendi as orações e habituei-me tão intensamente a considerar a religião como coisa séria, que ainda agora a tenho na conta de uma criação fundamental e irreduzível da humanidade.

Desgraçadamente, aí de menino não rezo mais; mas sinto que a religiosidade faz dentro de mim sentir interior e irreduzível.

Muito difama, idealizada, mas e sempre ela. Uma epidemia — a febre amarela — pôz-me fora do Lagarto no engenho; outra a do cholera-morbus, em 1858, fez-me voltar definitivamente para a vila. Para a casa de meus pais.

Havia mais rumores na povoação do que no engenho, quando despojado na escravidão pela peste.

As cenas do cólera de 1858

foram dolorosíssimas por quanto, mas, que se estendeu por várias províncias.

Lembra-me bem a chegada a casa paterna em meio da epidemia.

Numa vasta sala (era a sala de jantar) junto a uma das paredes laterais, em colchão posto no chão, agonizava minha irmã Lydia, a primeira deste nome.

Minha mãe, chorosa, sentada perto da docinha, punha-lhe botijas de água quente, fervendo, aos pés. Meu pai, ainda muito vigoroso, e um senhor que eu não conhecia (era o médico) preparavam numa mesa ao meio da sala, um emplastro de não sei que substâncias.

Que estranho olhar! Alumiou-me tristemente a entrada na casa de meus pais — e tem-me brilhado através da existência por cinquenta anos seguidos sem se apagar. A volta à casa era assim feita em meio da tristeza.

A peste continuou a lavar com intensidade. Lydia morreu; minha mãe, atacada depois, teve a se partir também.

Muitos escravos de estima faleceram. Eu nada li, mas acendeu-se-me na alma uma luz intensa saudade do engenho, que me torturou por anos inteiros.

Quando, aos domingos, meus avós vinham a missa na vila, a minha alegria era sem par. Os encontros com Antonia eram festejados com lágrimas de contentamento.

Mas as separações, quando tinha de regressar ao engenho eram o inferno.

Eu, criado fora, até aos cinco anos era, no princípio, como estranho aos meus irmãos mais velhos que me faziam troça e me maltratavam muitas vezes, com essa malignidade própria dos irmãos. Daí, um estado de alma que se me produziu e ainda hoje perdura, digão a pureza, quer me acredite, quer não.

Habituei-me cedo a ser paciente, sofrido, ao mesmo tempo, desconfiado, suspencioso, talve, e ainda por cima, resistente, belcoso.

Algumas destas qualidades são boas, parece, outras inconvenientes.

Existem em mim, encerram os germes de minhas tendências de análise e crítica. Aliadas as que tiveram origem no engenho Moreira, explicam, em grande parte, toda a minha vida e toda a minha obra.

E eis aí porque disse, em princípio, que era vítima das duas maiores epidemias que assolaram o Brasil no século XIX.

Não seria, talvez, sem razão afirmar, por outro lado, a existência de certas predisposições hereditárias: a propensão analista e crítica, como devida, em grande parte, a meu pai, André Ramos Romero, porripuez de nome, muito inteligente e muito satírico; a bonhomia para não dizer de mim — a bondade, à minha mãe, Maria Vasconcelos da Silveira Ramos Romero.

Que coração é uma herança de meu avô Luiz Antonio de Vasconcelos, outro português de nome, de quem até hoje se descobri um igual na bondade nativa, hospitável, espontânea — no velho Barão de Taubaté.

Perdoe-me que me perdoe o ter aqui incluído os nomes de meus pais e avós.

Ha disso uma razão: é que meus defeitos, por me os assinar, a princípio, Sílvia da Silveira Ramos, para abreviar o nome, e, depois, só Sílvia Ro-

mero, por o encurtar ainda mais, acedam aí a ter um nicho sem graça e sem verdade.

No Rio há muita gente que conhece e conhece toda a minha família. Os senhores Olympio de Campos e Martinho Soares são do número.

A nova residência na vila, onde meu pai era negociante abastado, dos cinco aos dez anos, fortificou em mim as disposições frias e as adquiridas.

O Lagarto, naquele período, era uma terra onde os rejeitos vendulares, rebeldes, chagras, bailes pastoris, taieiras, bumbas meu pai... imperavam no lado das magníficas festividades da verde.

Sobrevivei-me desse brasileiroismo, desse folclorismo portista. Não era oculta certa ação de dois livros que foram, nos últimos tempos de escola primária, a base do ensino de meu derradeiro mestre de primeiras letras.

Um — o Epithome da Histeria do Brasil, de J. P. Xavier Pinheiro, por causa da descrição de nossa terra — de Rocha Pitta, que ocorre logo nas primeiras páginas: "O Brasil, vastíssima região, felicíssimo terreno, em cuja superfície tudo são frutos..."

Outro, os Lusíadas, por muitos trechos que me encantavam.

O Brasil da descrição de Pitta ficou senão o meu Brasil de fantasia e sentimento; a poesia de Camões ainda hoje é uma das mais elevadas manifestações de arte no meu ver e sentir, e, com seu ardente amor da pátria, fortaleceu o meu nativismo.

Aprezar dos inúmeros palmatoadas que apanhei na leitura e análise dos dois livros, nunca perdi a simpatia por Luiz de Camões e pelo mais tarde tradutor do Dante.

Da minha aprendizagem de preparatórios no Rio de Janeiro, de 1863 a 67, guardo saudosas reminiscências de cinco homens que influíram nas no meu pensamento.

Padre Gustavo Gomes dos Santos, professor de latim, pois muitas coisas que profusamente, com muito gosto e muito saber, comunicava em aula, não só das letras antigas como das portuguesas e brasileiras.

Foi quem me despertou o prazer literário.

Joaquim Veríssimo da Silveira, lente de filosofia, pelas exposições da metafísica alemã, principalmente de Kant, de que se mostrava grande sabedor.

Padre Patrício Moniz, mestre de retórica e poética, pelas exortações que, em conversa, fazia também pelos domínios germânicos, de cuja filosofia era muito admirador, combinando-a, já se vê, com a escolástica. Estes dois fizeram-me dividir ao longo os sistemas filosóficos.

Francisco Primo de Souza Aguiar, a cujo cargo estavam as cadeiras de história e geografia, no antigo Ateneu Fluminense, onde eu estudava, por suas admiráveis lições em que salientava o papel e o valor histórico das gentes germânicas, pelas muitas cenas da terra alemã que, com intenso prazer e num acento muito comunicativo, punha diante dos olhos de seus ouvintes.

Finalmente, o barão de Taubaté, o ídolo da morbidez do tempo, verdadeiro tipo lendário que a todos enchia de respeito, admiração e amor.

Não foi meu lente; mas, por ser a bondade em pessoa, evome a honra de inúmeras palestras nos tempos dos exames, em que o procurava.

A filosofia da história deste século tinha uma raiz cinzenta, poderosa, que me fez logo

impressão e me fascinava.

Aos dez anos, quando eu estava no Piauí, soube que meu pai havia falecido. A notícia foi para mim uma revolução, por ter sido a primeira vez que eu me afastara da casa de meus pais.

No Recife, onde eu estava, fui informado de que meu pai havia falecido em 1867, tendo os meus irmãos e eu ficado desolados. Eu não podia acreditar, pois eu não tinha mais notícias dele.

As notícias da morte de meu pai foram para mim uma revolução, por ter sido a primeira vez que eu me afastara da casa de meus pais.

As notícias da morte de meu pai foram para mim uma revolução, por ter sido a primeira vez que eu me afastara da casa de meus pais.

Foram um estudo o livro de Lavigny a cerca dos Novecentos e da antiga poesia alemã, de Pedro Lherrou sobre a língua e o livro de Eugenio Poser sobre o título — Filósofos Contemporâneos.

O primeiro meteu-me em muitas encançadas regiões do folclore crítico religioso, mitológico, nupcial, tradições populares que me têm sempre preso.

O segundo nas encançadas paragens da crítica literária alemã, que tanto me tem atraído, que fazer.

O terceiro no mundo a vida e no mundo da filosofia, onde me acho nas mesmas condições. Mas tudo isso já vim a fazer.

Al ficam as várias coisas, a 1ª ao — As Origens — a minha vida espiritual.

Como, depois, me afetou o 2º ao, por entre as coisas e estudos que tenho feito, que aprendi dos mestres, que tirei de mim próprio, livros e 2º ao do drama — A Formosa — deixo de indicar, porque me vou tornando seculista. A crítica indígena que o poeta, por si mesma descobriu e escrever, se achar nisso algum interesse.

Deixei para o fim a referência em mim exercida por Teófilo Barreto, para ter o prazer de destacá-la com mais força.

Não recebi dele propina de idéias; aprendi-as por mim mesmo, em comum, e aproveitei-me intensamente e nunca fiz disso motivo de entusiasmo de combater e de luta, a refrega, o arder da crítica, o espírito da crítica, o pulso das letras, o amor à vida do pensamento, pelo estudo das idéias.

E assim, penso, meu para mim do, tenho respondido para o primeiro quesito.

Ao segundo, ponho de fora uma fúlgida modestia que eu não tive, e sem perder a calma, em julgá-lo mal grande coisa, declaro que, se se puder, eu falar de meus trabalhos preferidos, porque cada um deles é um son de um filme e teve uma importância.

Dessepele a rude transição e a morte.

O terceiro ponto do questionário se me antolha coisa que se discutida em estudo literário fundado.

O momento atual parece-me um momento de angústia para da não do decréscimo.

O mesmo se deu em outros de século XVIII depois de O Guarani de Mattos e Antônio Viana, que se pode concluir a ideia pela ação: o mesmo se deu nos princípios do século XIX com o surto da escola alemã, e o que se nota na poesia e na prosa.

Fazendo mais de meio século de vida da poesia e da prosa, me parece que esteja esta

...momento de agonia e de profunda decadência. Apoiando-lhe os pés e os braços, eu não decidia antes de morrer.

...mas ainda vivos e a força da vontade e vigor do talento pelo menos, dos melhores, que o Brasil tem produzido. Fazem ainda voracidade a ideia de ser o último a desobedecer manifestações de nossa pátria.

A quarta pergunta responde em resumo: a função literária intelectual de nossas antigas províncias não é a de criar literaturas a parte, como, em alguma outra, se alvira no Rio de Janeiro, depois que o saudoso Franklin Távora falou em literatura do Norte.



Com em que nasceu Silvio Romero em Largo, Sergipe

DESACORDO COM TOBIAS - Silvio Romero

Filhos ambos de Sergipe, não nos conhecemos ali. Só em Pernambuco, em fevereiro de 1888, é que vi aquele patriota pela primeira vez. Cursava ele o quarto ano da Faculdade de Direito: eu ia do Rio de Janeiro, com os preparatórios feitos, para matricular-me naquele curso. Tobias foi, portanto, meu contemporâneo nos estudos académicos. Nunca foi meu professor.

Quando o conheci, suas ocupações espirituais diletas eram a poesia e a filosofia. Naquella linha sido o inaugurador do lirismo condoreiro a datar de 1862, e ainda era um eterno recitador de versos nos leitos, nas festas patrióticas e nos salões. Este período acabou quase completamente em fins de 1870. Na filosofia, que sempre o preocupou de modo especial e característico, já de há muito em 1867 o celebre concurso em que participou o famoso lomatista pernambucano de José Soriano de Souza. De 1868 datam as suas primeiras publicações nessa matéria. Cournot, Maine e Vacherot já lhe eram familiares. Em fins daquele ano travou conhecimento com o positivismo diretamente pelo "Cours de Philosophie Positive" de Comte. Stuart Mill e Littré vieram mais tarde e não foram nunca muito apreciados. Em tal assunto o meu amigo preferia diretamente o chefe da escola. O velho espiritualismo francês já estava posto de lado. Ainda também não havia o conhecimento de Darwin, de Haeckel, de Hartmann, de Noth, do marxismo e do transformismo em geral. Tudo isto veio depois, a datar de 1871.

Nestas condições é que encontrei o poeta. Eu levara do Rio de Janeiro bons estudos de preparatórios, feitos em 1863 a fins de 1867, o amor dos livros, a ânsia de saber. Abri-me a leitura da etnografia, linguística, antropologia, crítica literária e filosófica. As predileções eram, pois, diferentes, as leituras diversas pela diversidade inerente dos dois espíritos. Em nossas longas conversações comunicáramos mutuamente as nossas impressões, as nossas ideias, os nossos planos de trabalho. Por ser ele um tanto mais velho, mais adiantado no curso académico, foi imediatamente popular em Pernambuco, e, sobretudo, por conhecer-lhe o vigor e a força da inteligência, acoustimado, eu que chegava amplas culturas a ter-lhe a atenção de estudante respectivo. Mas nunca lhe sacrificou muitas ideias, nem lhe subordinou o meu sentir, nem apaguei jamais diante dele as diferenças nativas do meu temperamento.

Outro tanto praticava-o ele, havendo sempre em nossas relações espirituais plena liberdade e decidida franqueza. Dando conta do meu livro publicado em 1878, "A Filosofia no Brasil", depois de alguns elucubrantes iniciais, escrevia Tobias: "Tudo isto, porém, não significa, não quer significar que eu me limite a formar um 'dueto', que eu acompanhe em todos os motivos, fazendo segunda voz, o pensamento de Silvio Romero. Em mais de um ponto estamos separados; e como, numa ou tal cominação de princípios, que entre nós existe, cravou o di mais thana despreocupação pessoal, o da minha pura sinceridade recíproca, indicarei precisamente as razões do meu desacordo."

Como quer que fossem distintas entre nós as indolências mentais, cada um foi fazendo a sua obra e a mais rápida observação é suficiente para notar facilmente as diferenças de estilo, de assuntos, de métodos, de doutrinas. E assim que, em poesia, Tobias não passou do lirismo condoreiro e eu cambalei desde 1869 entre o humanismo e a ideia a nova linha da poesia transfigurada pela filosofia de meus dias; que, em crítica literária, ele fugia aos assuntos brevíssimos e do brasileiro, e eu os procurava sempre de preferência; que, em filosofia, não admitia a psicologia e a sociologia como ciências e eu lhes reconhecia esse caráter; e assim que jamais pude admitir e explicar o desdenhoso modo de tratar Herbert Spencer. Não é tudo: há especialmente dois pontos em que o meu modo de sentir e de pensar foi sempre completamente oposto ao seu: a poesia popular e a etnografia. Sobre-se que uma das bases da minha crítica aplicada a literatura, a história e em geral a vida espiritual brasileira, foi a apreensão etnográfica das raças que constituíram o nosso povo. Sobre-se mais que uma das primeiras aplicações desse modo de pensar foi justamente o estudo, a pesquisa da poesia, dos contos, das tradições populares. Já falei, em suma. Pois bem: Tobias Barreto não a 1884 isto e tivemos intermináveis discussões a respeito. Não conseguia modificar as minhas convicções neste assunto, nem alterar o sistema de meus trabalhos. A despeito do seu desacordo, coligi os "Contos Populares do Brasil", os "Contos Populares do Brasil" e escrevi os "Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira".

Outro ponto digno de nota de nosso constante desacordo era o da adoção da forma republicana em nosso país. Espírito muito liberal, inimigo das vilas e misérias peripécias da política brasileira, Tobias, todavia, não foi jamais um seguidor da república. Não concordou nunca com o meu amigo neste modo de pensar e, ainda muito moço, desde 1869, alistei-me entre os republicanos.

Poderia, si fosse preciso, levar por diante estes pontos de desacordo. Não o farei, porque os indicados provam de sobra e minha tezo: a independência do meu modo de sentir e de pensar diante dos sentimentos e opiniões de Tobias Barreto em pontos e assuntos capitais. Isto mesmo foi mais de uma vez por nós ambos proclamado para confusão de malicéolos e intrigantes. O que nunca sofreu diminuição ou restrição de qualquer ordem foi a minha admiração pelo seu talento e a minha estima por sua pessoa. E ele bem as merecia, porquanto, de todos os homens que, no minha qualidade de crítico e propagandista, tive de elogiar e vulgarizar, foi, talvez, o único que me não pagou o serviço com trações que consilium a essência da alma dos ingratos. (1)

(1) Silvio Romero, prólogo aos "Estudos de Direito", pgs. XIII a XX.



Silvio Romero, pai de Silvio Romero

...Capistrano de Abreu, Fausto Cardoso, Mello Moraes, Teixeira Mendes... e duzentos mais pensando por Gonçalves Dias, Alencar, Porto Alegre, Marcellino e as mais vivas figuras do tempo atlântico.

...e lembrar os políticos cujo número é legião.

Pois que se refere ao quinto e último quesito, afirma convicção, posto nunca tivesse sido um homem do ofício, que o jornalismo tem sido o animador, o protetor, e ainda mais, o creator da literatura brasileira na correr de um século a esta parte.

E no jornal que tem todos os talentos os seus talentos nele e que tem todos polido a linguagem, aprendendo a arte da palavra escrita; dele é que muitos têm vivido ou vivem ainda; por ele, o que mais vale, é que todos se têm feito conhecer, e o que é tudo, poderia ser mais at-houvesse um acordo e junção de forças: é por onde os homens de letras chegam a influir nos destinos deste degraçado país entregue, imbecile, quase sempre à fúria de polítroneiros sem saber, sem talento, sem fim, sem critério, e, não raro, sem moralidade.

E aqui faz ponto seu admirador.

Não é preciso fazer o elogio desta carta repleta de erros e defeitos que o filósofo chamava de eterno.

(2) Momento (1880-1890).



Silvio Romero em uma de suas últimas fotografias

CONTOS POPULARES -- Silvio Romero

A raposa e o cegonha

A raposa entendeu que devia andar zombando da cegonha. Uma vez a convidou para jantar em casa dela. A cegonha foi. A raposa fez papas para a jantar e espalhou-as em cima de uma pedra, e a pobre cegonha nada pôde comer, e ate magoou muito o seu grande bico. A cegonha procurou um meio de vingar-se. Dai a tempos foi a casa da raposa e disse-lhe: "Comadre, você outro dia me obsequiou tanto, dando-me aquele jantar; agora é chegada a minha vez de pagar-lhe na mesma moeda: venha convidá-la para ir jantar comigo. Vamo-nos emburrar que o patisco está bom". A raposa aceitou o convite e foram-se ambas. Ora, a cegonha preparou papas, e botou-as dentro de um jarro de presença estreito. A cegonha metia o bico e quando tirava, vinha se regando. A raposa nada comia, lambendo apenas algum pingão que caia fora do jarro.

Acabado o jantar, disse a cegonha: "Isto, comadre, é para você não querer fazer-se mais sabida do que os outros."

O cágado e o teiú

(Sergipe)

Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha; o teiú queria casar com ela, e a mãe cágado também. O cágado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teiú para nada valia e que ali era o seu cavalo.

O teiú, logo que soube disto, foi ter também à casa da comadre onça, e asseverou que a bascar o cágado para, ali, dar-lhe muita pancada à vista de todos, e partiu. O cágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teiú chegou na porta e o convidou para dar um passeio em casa da amiga onça: o cágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sair do pé naquela dia. O teiú tornou muito: "Então, disse o cágado, você me leva montado nas suas costas". — "Pois sim, respondeu o teiú, mas há de ser até longe da porta da amiga onça". — "Pois bem; pois você há de deixar eu botar o meu cágado de fora porque assim em caso é muito fêlo. O teiú se massou, e disse: "Não, que eu não sou seu cavalo". — "Não é por ser seu cavalo, mas é muito fêlo". Afinal o teiú consentiu. "Agora, disse o cágado, deixe: bolar minha brida". Novo barulho do teiú, e novos pedidos e desculpas do cágado, até que conseguiu pôr a brida no teiú e murir-se do mangalo, e pora etc. Partiram; quando chegaram em lugar não muito longe da casa da onça, o teiú pediu ao cágado que descesse e tirasse os arreios; se não, era muito fêlo para ele ser visto servindo de cavalo. O cágado respondeu que ele tivesse paciência e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incomodado e não podia chegar a pé. Assim foi enganando o teiú até à porta da casa da onça, onde ele meteu-lhe o mangalo e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: "Olá, eu não disse que o teiú era meu cavalo? Venha vê-lo". Humilhação ridícula, e o cágado victorioso disse à filha da onça: "And, moça; monte-se na minha garupa e vamos casar". Assim aconteceu a um grande vergonha para o teiú.

Silvio Romero, Um Programa de Trabalho - Silvio Romero

numa Síntese de Souza Bandeira

O sr. Silvio Romero apresenta-se-nos com o intuito de indicar a evolução que os estudos filosóficos têm seguido no país, e com uma franqueza rude, desde as primeiras palçadas, nos desenganos, dizendo apenas, em forma de consolação, que da ideia exata do pouco que temos feito e que, na hora atual, devemos tomar novas forças em busca de um ar mais puro, atrás de um futuro melhor.

Estamos em presença de uma personalidade que não se ilude sobre os próprios recursos, nem sobre os assuntos em que lida. Com uma sinceridade, muitas vezes trágica, o escritor brasileiro deixa entrever todo o seu caráter. Não espera que o leitor, quando a sua biografia não tem a modestia natural dos escritores que não trazem a publicidade do resultado de seus estudos. Ao contrário, impõe-se como mestre e, apesar de parecer o mal disfarçado, pronto, vê-se bem que o nosso público não se tem em conta de uma vulgaridade. Não requer a sua consideração de ninguém. E, longe disso, afronta e desafia a severidade dos mais competentes.

É o próprio quem diz, a seu respeito, usando da frase de um notável filósofo moderno, que poucos terão menos direitos a usar de palavras. Os seus estudos, é ainda ele quem fala, são oriundos de uma preparação preliminar um tanto rigorosa. A própria pessoa é uma de suas maiores preocupações porque não quer enganar o público para quem escreve, e assim é que, educando nossas escolas contra as quais se recorre, ensinamos que a sua vida intelectual há sido uma constante e dolorosa luta para arrear da mente o que nela foi depositado pelo ensino secundário e superior e substituir-las ideias e comprometer ideias por dados científicos.

O sr. Silvio Romero é poeta e bacharel em direito. É ainda ele quem lembra essas duas circunstâncias e para elas aponta constantemente a atenção dos leitores, visto como aos olhos de alguns isso equivale a um sinal de incompetência.

Erão indispensáveis - diz - estas informações pessoais para o leitor entrar no conhecimento da individualidade que lhe acrescentamos e tanto mais indispensáveis quanto o escritor não faz apenas profissão de crítico, não é um mero esportador de sistemas alheios. O seu fim, que não esconde, é uma re-encarnação literária entre nós. Cumpre, pois, que o leitor não apenas não se ilude com o resultado da rancorosa ciência do autor, através do que entre nós se tem escrito sobre filosofia, mas também as bases da renovação literária, a qual propõe. (Revista Brasileira - v. 1)

A QUESTÃO DE ESTILO

Silvio Romero

Na literatura - diz o Scherer - há lugar para ciência, ciência e para um estilo. E logo responde: Não existe um limite determinado para nossa faculdade, nossa capacidade, nossos pontos. As qualidades primordiais do estilo - personalidade, devida, coerência, movimento, correção, simplicidade, propriedade - não são quantitativamente possuídas por todos os grandes escritores. Há sempre algumas, algumas e outras de outros, e sempre outras, a variedade é a terra por onde nasce o estilo.

(Machado de Assis)



Silvio Romero, num desenho de Jordão de Oliveira



Dr. Carolina Gonçalves de Almeida, primeira esposa de Silvio Romero (1865-1884)

Arte e Ciência - Silvio Romero

Deixem-nos de confusões: uma coisa é a arte, outra coisa é a ciência, outra a moral, outra a religião. A arte não é o suor de seus domínios para se fazer a candidatura, a ciência, a união da ciência, ou da moral, ou do outro qualquer domínio do pensamento que lhe seja estranho. O artista, o poeta não tem a ver com as coisas da moral, ou da religião, ou da ciência social. Na ciência, em qualquer de seus domínios, ele poderá ter apenas as consequências e influências eternas, toda a parte que se evapora, por assim dizer, dos estudos particulares, e vai constituir o que se pode chamar a atmosfera intelectual de um período histórico. O poeta, como homem de seu tempo, há-de, por força respirar no ambiente de sua época, há-de entrar no molde espiritual da época humana que atravessa, e daí o artista que todos os grandes artistas revelaram sempre pelos seus problemas que lhes foram dados. Mas esse interesse e interesse mostra apenas a conexão o efeito que na alma dos poetas ficou, notando pelo espetáculo da luta dos ideais, expressão representada por outros - mitos e filósofos - ideias unidas de outras rubricas que não as rubricas dos matemáticos, artistas e poetas. E há prova, a prova experimental e histórica disso tudo em que, não por qualquer da evolução humana, a busca do descobrir e formular ideias e doutrinas acaba sempre a um grande bem diferente do outro, que leva por si só, nota a ciência dos sentimentos provocados facilmente por aqueles sistemas e teorias. Em nosso século - os primeiros Heros e nomes de Heros, Humboldt, Comte, Darwin, Spencer, Hartmann, Freud ou Claude Bernard; os outros se chamaram Byron, Lamartine, Hugo, Lenau, Manzoni ou Leconte de Lisle. (1)

(1) Luis Murat, pg. 19.

"Honrado sr. Redtor,

Tomo a liberdade de vos dirigir a presente carta para dar-vos conta de um fato - desde muito e sentido, e altamente proclamado, a falta de uma coleção das cantos e contos anônimos do povo brasileiro.

Quando todos os países da velha Europa possuem já amplas coleções de suas poesias e tradições populares, inclusive Portugal, que conta os trabalhos de Almeida Garrett e Teófilo Fraga - quando na América, nos Estados Unidos, segundo acaba de ler na "Revue Littéraire", de Paris, criou-se agora uma grande associação somente para promover o estudo da poesia popular naquele país - o Brasil, e somente ele, não tem dado um só passo assimilar neste sentido.

Levado por meus estudos de crítica científica e de história literária a ocupar-me com o desenvolvimento intelectual do nosso povo para logo dispor com tamanha lacuna e precária memória. Lembrei-me de fazer uma tentativa, e depois de quatro anos de constante trabalho e fadiga, consegui reunir e coletar um vasto repertório de poesias e histórias populares, o qual subsidio para a moderna etnografia e a que do título de "Cantos e Contos do Povo Brasileiro". Scrutina-me de norma e de gila a excelente coleção italiana dos professores Compagari e d'Ancona "Canti e Racconti del Popolo Italiano".

Neste mister de colecionador fui o mais escrupuloso possível e ali se acham estampadas com fidelidade a linguagem genuína do nosso povo, suas crenças, seus mitos.

O trabalho foi feito quase tipograficamente e sua veracidade e completeza confio aos volumes, na forma que lhe dei. No primeiro - faço a crítica de nossa poesia e crenças populares, mostrando as origens de nossas tradições e lendas. Os fatores principais são - os portugueses (arraigados), os selvagens (bravos produtores) e os africanos (raças inferiores). Indico as transformações dos costumes e da língua e finalmente, a "adaptação" das crenças das três raças primordiais no novo meio em que residem em presença e em luta pela vida. Este volume é original e o meu trabalho de crítico. O segundo - contém "Cantos" e o terceiro "Contos", e são o meu trabalho de coletor. Demais, o segundo volume é dividido em quatro séries, que indicam a abundância das matérias - 1.ª - "Romances e Novelas"; 2.ª - "Reinados e Chegadas"; 3.ª - "Versos gerais"; 4.ª - "Orações". Reune, também, um apêndice compreendendo algumas peças co-

lidas por outros autores para estudo comparativo. Acompanha por outro lado, especialmente o ginecologista de música popular. O terceiro volume - dividido também em quatro séries - "Contos de origem portuguesa"; 2.ª - "Contos de origem indígena"; 3.ª - "Contos de origem africana"; 4.ª - "Contos de origem popular nacional".

Acontece, porém, que diante do trabalho, que exige um patrimônio nacional, não posso oferecer um produto direto e imediato ao nosso povo, e como a Europa constituiu uma grande nação para ser muito, por não dispor de um produto direto e imediato para os seus estudos de filologia, história e ciência dos mitos, não recebo em minha parca, que eu não sou um "fetiche" e nem posso ainda oferecer um editor.

Compelido-se, de pois, a me dirigir neste assunto, a interferir de modo a proporcionar uma grande lacuna em nossa literatura científica, abraço a qual concurso desta obra, meu capital intelectual, e ponho em contribuição o "espírito", porque não sou um fetiche.

Pago-vos, sr. Redtor, a favor de inserir na revista o meu trabalho, a presente obra, com o fim de despertar a atenção do público sobre a importância da coleção de "Cantos e Contos do Povo Brasileiro", que não em meu poder, e assim o interesse daqueles que se da nação que ainda não alguma importância aos estudos de ciência científica e que somente os meus estudos de ciência escola francesa que nos têm desamparado.

Aceita os protestos de minha estima. Rio, 26-5-1879. Silvio Romero.

("O Reporter" de 27 de Junho de 1879).

SILVIO ROMERO, NUM CONCEITO DE MACHADO DE ASSIS

Falta-lhe, todavia, essa e a grande lacuna dos escritos do sr. Silvio Romero. Não me refiro ao fôlego de nomenclatura, à ginástica das palavras. Refiro-me ao estilo, condição indispensável ao escritor, indispensável à ciência - o estilo que dá ao leitor a impressão de Renan e de Voltaire, e que Wallace adquire no mais uma das qualidades de estilo. (Crítica)



Silvio Romero, com a sua boca de poeta

SILVIO ROMERO, POLEMISTA - (Trecho de estudo) - Araripe Junior

A hostilidade de Silvio Romero contra a metafísica e a epistemologia e as exigências de sua temperamentalidade, que o impedia contra as especulações especulativas. Como, porém, agredir ideias, abstrações, princípios filosóficos, coisas indigestas, dadas de impossibilidade seria perder tempo, o crítico brasileiro procurou primeiro encarná-las em um homem ou num grupo de homens que fosse susceptível de irritar-se, de reagir, e que portanto pudesse tornar a luta interessante e pitoresca. Este processo é útil de invariavelmente por toda a os tempos, natos do combate. Entre nos mesmos dá exemplo disso os jornalistas Carlos de Lacerda e José do Patrocínio, os quais nunca obtiveram êxito fora da objuratória sensacional e sem o auxílio da sátira ou do epigrama.

Na questão contra a metafísica, foi o Brasil a primeira vítima que o autor da "História da Literatura Brasileira" ligou ao puro. Que valor podia ter uma pais diante da mentalidade europeia? Desgraça do mundo, que esmorecia a margem das grandes rios, na zona indolente tropical, e deixava-se adormecer sob a copa dessas mesmas palmeiras que Chiquet Dias celebrava em seus versos, embalsamados nos sonhos da Jurema, o Brasil julgava-se um gigante, um portento, um nome, quando tudo estava a demonstrar que esse sonho não era mais do que uma prostração de deliquescência e um sintoma de idiotia. A verdade, porém, era que não conseguia ainda penetrar no cérebro dos diretores intelectuais desta terra a convicção de que não passávamos de um país atrasado, e para arrancarmos a esse "in-potência" parecia-lhe que nenhum outro meio havia sendo o assorrapo da crítica empunhado por mão ingenua e empregado com ira e ofêndia.

As inimias dos adoradores do "Grão Cubocto", os metafísicos, esta infame, raça perdida, bando de molhadores, que tinha saído de uma Calábria intelectual para devastarem o pecúlio dos ingênuos, roubando a pátria e apunhalando no transeio dos grandes caminhos a alma dos ignorantes de toda ciência. Silvio Romero foi incensado com essa gente depravada, e propunha-lhe a pior das tragédias, lançá-lo o roca trucidante de que se servia a escola positivista quando queria fulminar algum adversário.

É celebre a cena que o crítico provocou quando pela primeira vez encontrou-se em "tête-à-tête" com a ciência oficial. Defendeu de todas as partes o grau de doutor em ciências jurídicas e obtivera permissão a congregação da Faculdade do Recife. Para incumbência de cortar-lhe as asas no não temeroso o dr. Antonio Coelho Rodrigues, ex-senador federal e então uma das mais recentes e fúlgidas ilustrações daquela corporação. A argumentação tinha começado sob as auspícios das doutrinas filosóficas de Cousin; e os pontos de Chama em punho, buscavam amarrar o doutorando com argumentos fariseicos em B. Constant, Oudot, Taparelli, Troplong, Berrier, Ortolan e "tutti quanti". O arguido ouvia as primícias objeções; não tardou, porém, em inflamar-se, e, estranhando que professores ilustrados se ocupassem ainda com as célebres distinções entre o direito e a moral, ergueu-se por último escudado nas grandes autoridades do século e apostrofou os seus arguentes classificando-os de ineptos e ignorantes. As apostrofes responderam os Cufados do Recife com o sorriso catadístico de quem apanha o mau estudante em flagrante delito de ignorância da postula exalta, correta e aceita pela unânime aclamação da rotina. Não se imaginava a indignação que se levantou no espírito daquele que já ousara criticar os melhores poetas e escritores do Brasil. No decorrer da discussão, que se travara mais acesa com o ilustre romanista acima citado, surgiu incidentalmente a frase: "a metafísica morreu". Não é aqui ocasião de estabelecer confronto entre os dois contendores. Todavia, direi que o dr. Coelho Rodrigues pertence à classe dos literatos cujo gozo primordial

consiste em sentir-se sempre em desacordo com o presente defendendo as vantagens do passado. Em França o dr. Coelho Rodrigues, com o pouco mais de imaginação, seria um outro Barbey d'Aurevilly, e teria escrito, em vez do "Manual do sultão Isai", uma biografia "à la diable" do regente Feijó. Os resultados conferências sobre as primícias de Amador Bueno e Anhangüera, ocupar-se com a apologia de pai João e mãe Maria, os bons prazos velhos "du temps jadis". Tendo, porém, a sorte determinada que a sua atitude intelectual se exercitasse sobre as Pandetas e as Ordenações do Reino, depois de um longo tirocínio na aula régia em que retalhavam as carnes das nadequas das crianças para introduzir com sangue as primeiras letras da arte latina do padre Pereira, sucedeu ao ilustre romanista o que sucede a todos aqueles que se habituam a gradejar através das sutilezas latinas. Para responder ao dr. Silvio Romero foi pedir a Horácio um dos seus ditos e aos retóricos o grotesco filipino. (1)

— Duclaram-me o doutorando, acrescentou ele então, que a metafísica morreu. Quem a matou? Dize-me a caso que fosse o venho?

A pergunta pedia uma réplica de espírito; e os textos carregados do livro 5.º das Ordenações do Reino teriam fornecido mais de um mote para ser vantajosamente gloriado pelo arguido. O polemista, porém, perdeu a calma, e levantando-se cheio de uma ira holojônica, passou a insultar nos termos mais acriminosos toda a corporação docente. Não fora ele quem dissimulara a ideia caduca, mas Comte, Darwin, Spencer, Haeckel, Stuart Mill, Luttre, Taine, Buckle e todo o estado-maior do positivismo, tanto utrodozo como heterodoxo. Esta explosão de desrespeito universalmente deu lugar a interrupção do ato e a um processo que se tornou celebre. Silvio Romero, contudo, não fazia ainda manter as proposições que anteriormente (1873) apanhara em dissertação apresentada na aula do 5.º ano daquela faculdade respondendo a seguinte tese: "Se a economia política tem todos os caracteres da ciência e a que ramo científico pertence." "A Faculdade Livre de Direito do Recife, dizia ele nesse trabalho, tem o privilégio do estacionamento. Há cinquenta anos agita-se o mundo científico por fora, e ainda ali não se ouviam os ruidos de lutas pugnas. Há cinquenta anos a sua congregação togada vai recebendo, como religiosa herança, o mesmo punhado de princípios verídicos nas mesmas orinadas "programáticas". Quem intentasse escrever a história daquele instituto da ciência acher-se-ia de pronto, diante do fato anômalo de um corpo docente, que repete as mesmas noções, repita as mesmas ideias, declama as mesmas decrepitudes, e, ao todo, ordena as mesmas dissertações no vasto período de meio século! São estas últimas uma série limitada de teses caducas, que se há guardado santamente para o zelo dos estudantes e o tormento dos doutorandos. Sempre idénticas no fundo, são alteradas na forma, segundo as preocupações estilísticas de seus autores" (2). Passando, pois, aos seus mestres o diploma de incompetentes e tazanando-o de "espíritos largamente imprimegidos do alimbar semi-natural". Silvio Romero prescindia do capelo de doutor e com o seu título de simples bacharel penetrava na vida real.

Durante essa fase de erupção nada, porém, parece tê-lo caracterizado melhor do que os artigos que publicou em 1873 sobre o romantismo no Brasil e que formam hoje o texto do livro intitulado a "Literatura Brasileira e a Crítica Moderna" (1890). O espírito que transpirava desses artigos foi tido como trululentismo e abstração, tal era com efeito a ignorância dos leitores relativamente aos progressos realizados pela crítica filosófica em diversos departamentos da literatura e das artes.

Dos nomes avultam, então, na literatura nacional, um já quase em declínio, outro, porém, no

apogeu de sua força. Estes nomes eram os dos romancistas Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar. Tão alta glória, em pleno desacordo com o estado das questões literárias que se agitavam na culta Europa, mal podia ser sorrida pelo gênio irritadido do crítico serpente. O "pieguismo" de Macedo e o "indianismo" de José de Alencar se lhe figuravam as maiores calamidades que podiam desabar sobre este infeliz Brasil.

"Velharia romântica", "sofisticaria indígna", "degradação", "mentira", "magiatura", "maus instantos", "decrepitude", — eis o que significavam não só estas duas manifestações beletrísticas nas ciências, na política e nas artes. E todas essas misérias se davam no tempo "em que Humboldt escreveu o "Kosmos", Darwin a "Origem das espécies", Haeckel a "História da criação", Ranke, Mommsen, Sybel e outros seus obras históricas, Vico, a "Filosofia" e Hartmann a "Filosofia do Inconsciente" (3). Não via mal, portanto, para hesitações. Era preciso demolir aqueles monólitos literários ou relegá-los para os museus de antiguidades antropológicas. Mas como? Com o ridículo, arma de que Silvio Romero não dispunha para fazer obra igual à de Cervantes? O seu temperamento indicou-lhe o caminho. Atacou sem piedade.

A maioria do país deliciava-se nas obras do autor de "Tracema". Aquelles ditos selagens ou semi-civilizados, o anelido daquele estilo sedutor e traçoerto eram o coqueluche da mocidade. A maioria recitava. Razão de sobra para que o crítico reduplicasse os seus jocosíssimos insultos de demolição.

— Recalcitram! Pois bem, agredirei agora os deuses e os seus exércitos sagrados. Entre inimigos nunca se devem reconhecer qualidades de exceção. Tudo é ruim!

E, ato contínuo, passando em rápida revista todos os monumentos da história literária brasileira, começou a espalhar ao vento as folhas dos romances de "balão" (4) do autor da "Moreninha" e a espiçar a moleza do cubocto do "Guarani" e a facilidade da indolente heróica do poema "Troense".

Não se podem, exclamava o crítico, com se devem fazer grandes despesas de considerações com muitos desses quilates. Seria completa barbaqueta para prendê-lo um pensamento que não tivesse... E quizera penetrar, quando pudesse, no âmago da sociedade brasileira, quando pudesse no segredo de espíritos como o dr. Macedo, — e dar a razão primitiva e final de livros como o "Moço loiro" e as "Vilmos-algozes". Uma consideração, que é uma lei, todavia. É que aqueles espíritos não são originais, como não o é o presente período da existência nacional. O Brasil está vivendo uma vida de combinação sem critério, de contradições sem aléncia, que lhe podem ser muito fatais... Os dois romancistas são dois personagens sem significação rítmica e profunda. Têm de representar, ao que parece, um papel quase todo negativo na história literária, qualquer que possa ter sido a sua importância no mundo oficial... O drama, quando é tecido por mãos semelhantes é quase nulo. "Mãe" e "Lusabela", por exemplo, estão abaixo de mediocres. (Revista Brasileira)

(1) A um velho desembargador novel disse que numa aula dada por ele frequentada encontrara a tradição de um tempo a que os mestres davam o nome de caduca. Em razão de lá estar cheio de sangue e de um das nações dos mestres ali presentes.

(2) Protesto que esta nova e curta aula tinha acabado com dois costumes brasileiros; entretanto, na época de que se trata, nem todos os professores dispunham a prática do preceito literário: não sangavam nas leituras.

(3) Silvio Romero, "Estudos de Literatura contemporânea" (Rio de Janeiro, 1889), p. 5.

(4) Silvio Romero, "A literatura brasileira e a crítica moderna" (Rio de Janeiro, 1890), p. 86.

(5) Obra cit., pag. 122.

SILVIO ROMERO — Ronald de Carvalho

Do lado de Tobias, e com obra mais sistematizada, aparece a figura de Silvio Romero, professor de direito, crítico literário e de filosofia, poeta, jornalista e político. Silvio é um dos mais nobres exemplares da cultura europeia no Brasil. Formado sob a influência das ideias francesas e germânicas, seu espírito não perdeu, todavia, as características próprias da raça. Nem Scherer, com a sua teoria da observação tranquila e matemática, nem Taine, com o seu "aprimorismo" instintivo e paradoxal, nem Haeckel, com o seu determinismo geométrico, nem Spencer, com o seu evolucionismo impiedoso e fatal, conseguiram modificar-lhe a expressão biliosa dos padrões invioláveis. Silvio era impetuoso, arrebatado e potente. Sua "História da Literatura Brasileira" tem um temperamento franco de polemista desbocado, à maneira de um Léon Daudet, para quem as



Silvio Romero

nada, perdiam imediatamente o valor intrínseco e o peso específico.

Não queremos dizer com isso que ele fosse um caráter contraditório. Ao contrário, Silvio seguia naturalmente os seus impulsos, não se curava diante de nada, nem de potências políticas, nem de hierarquias, pois tinha por si a força de uma individualidade pouco vulgar, em qualquer parte, raríssima entre nós. Foi, por isso mesmo, um tanto prejudicial a sua crítica. Silvio condenava, muitas vezes, mais os homens que as instituições, via e ouvia através do autor, latente a cultura pela raça. Seus erros de observação não lhe deram correr por conta do raciocínio, que era de uma precisão admirável, mas, geralmente, por mal do seu coração, que era um tanto eminente, tal a intensidade das suas preferências. Contudo, seria injusto



Maria Figueiredo de Silva, esposa de Silvio Romero.

reimposto de vaidade. Silvio não possuía a se reputado sentimento da civilização contemporânea, não lhe conhecia os venenos íntimos, nem suberia duas-las individualmente, se in? Ele ocorresse por necessidade. Não era nesse ponto, um homem do Renascimento. Silvio tinha, porém, o orgulho da sua energia criadora, a clara percepção das suas funções no movimento mental da jovem raça brasileira, que ele foi um dos primeiros a investigar e definir, com probidade e firmeza.

Quando se preocupava, antes de tudo, não poder dizer, com a boca cheia de palavras, com a mente vazia, "masqu" nos duas raças que coexistiam no Brasil? Quem descobria, tão dramaticamente, a sonda em nossa alma inquieta e medrosa, dolente e exaltada, de mistérios? Quem auscultava, com tanta precisão, o latido

(Continua na pag. 216)

OS PAISES

OS PAISES INEXISTENTES

— Queres partir comigo para países muito
[distantes,
para países que dormem,
embalados por oceanos que ninguém
[conhece?

Oh! vamos juntos! Vamos partir para esses
[meus mundos misteriosos!

Levar-te-ei a planícies brancas, cobertas de
[neve como as do Alasca.

Verás que lá na altura um sol gelado, envol-
[to na poeira nívea da neve.
E verás que um vento longo — um vento
[que uiva nos montes alvos —
vem beijar teus cabelos cheirosos.

Levar-te-ei a montanhas encantadas, onde
[habitam dragões de olhos de fogo.

Verás que no céu as estrelas se desfazem,
mandando raios dourados coroarem tua fron-
[te serena.

Levar-te-ei às ilhas paradisíacas,
que estão dormindo no ritmo das ondas
[mansas.

Lá as árvores cheias de sombras são feitas
[de humanas ternuras
e os pássaros que cantam têm uma voz líri-
[ca como violinos.

Levar-te-ei a esses mundos estranhos,
a esses mundos formosos que nunca nin-
[guém viu.

E tu hás-de repousar a cabeça no meu peito,
deslumbrada pelos meus países inexistentes.

NEBLINA

Bem eu quisera poder atribuir-te uma forma
[precisa,
com essa forma perfeita, de que te revestes
[em tua viagem entre os homens
Bem eu quisera poder descrever-te concre-
[tamente,
como descreveria qualquer outra mulher,
reduzindo a algumas palavras cada uma das
[tuas feições,
cada um dos teus órgãos, cada um dos teus
[gestos.

Mas o difícil para isso é que não te atribuo
[nenhuma forma precisa.

Vejo-te, antes, oscilante e difusa, num mun-
[do de aspectos difusos e oscilantes.

És novela de lá, pedaço de nuvem, onda sus-
[surante do mar, trecho de
[água límpida de rio,

és coisa imaterial, luz a se amplificar na hora
[inaugural do dia,
sombria cor de rosa da alvorada, a sorrir além
[das montanhas e a doirar o
[mar.

Como, então, atribuir-te uma forma-precisa?

Sei que tens o corpo deslumbrante, talhado
[em linhas geométricas.

Sei que o teu ventre, os teus seios, o teu
[flanco

constituem claras lições vivas de harmonia e
[de perfeição.

Sei tudo isso, e sei outras coisas também, de
[teu corpo, e sobretudo, de
[tua alma.

— Sei, por exemplo, como é doce o balbu-
[cio dos teus longos desejos,
nas horas em que o sonho desfaz rosas im-
[palpáveis
sobre a tua volúpia inquieta.

Mas, ainda assim, conhecendo-te e aman-
[do-te,

não te posso atribuir nenhuma forma precisa,
oh! tu, que és imponderável como as distân-
[cias sem remédio.

remota e casta como a neblina que véla as
[estrelas e a noite.

NOS JARDINS QUE ES- TAO FORA DO TEMPO

Penetrarei contigo nos jardins misteriosos,
que estão além dos espaços e fora do tempo.
Anjos invisíveis virão coroar-nos de desco-
[nhcidas flores.

Estrelas que ainda não se formaram
virão embalar nossa infinita peregrinação.

Nos jardins misteriosos,
que estão além dos espaços e fora do tempo,
iremos juntos compor a música secreta,
de que não ousa falar-te agora.

POEMA

Creio sentir no teu silêncio, Noite,
a inquietação do pensamento dos mortos,
que se debruçam para as estrelas.

A MUSA E A CRIAÇÃO

Dos olhos da Musa
é que vão nascer as novas paisagens mansas,
cobertas de noites misteriosas.

Dos seios da Musa
é que vão nascer as novas vias-lácteas, as
[novas constelações sem número.

Dos cabelos da Musa
é que vão nascer as novas anêmonas, as no-
[vas gorgonas, as novas estrelas
[do mar.

Do ventre da Musa
é que vão nascer as gerações ardentes dos
[profetas e dos poetas,
dos sábios e dos filósofos,
toda a raça maravilhosa dos que hão de re-
[dimir o mundo.

Das mãos da Musa
é que vão sair todos os perdões generosos,
todos os perdões redentores,
que devem descer sobre a humanidade,
para tornar a humanidade mais perfeita.

Dos pés feridos e incansáveis da Musa
é que se vão fixar na terra as pegadas,
que hão de indicar em todos os tempos os
[caminhos da Salvação.

Da alma e do coração da Musa
é que há-de brotar a música divina.

A música que vai embalar os séculos,
encher os espaços ilimitados,
e repercutir, no infinito dos tempos,
a glória sem igual da Musa,
criada por Deus e irmã co-eterna de Deus.

O ESCABELO DA MUSA

Das águas primitivas reviva um sopro do
[Espírito Divino.

Do começo da vida repercuta o cântico das
[coisas que nascem.

Chegue da alma de todos os homens uma
[vibração de piedade.

Chegue do coração de todas as mulheres uma
[palpitação de desejo e de ternura.

Caíam fulgurações dos astros,
subam tesouros dos recônditos corações da
[terra,
brotem prodígios das florestas e dos rios.

Para que eu possa construir, Musa, o escabelo
em que hás-de pousar os pés.

TUA DOR

Tua Dôr está contigo, vive contigo, ao lado
[da tua vida.

Amas, cantas, sorris,
contemplas, maravilhado, as paisagens que
[mudam,
as formas que se sucedem
os seres que se transformam,
as coisas que se renovam.

Dominando esse mundo em que vives,
esse mundo que assim se modifica sem cessar
está a tua Dôr, a tua sagrada, divina Dôr:
— a tua Dôr, que incessantemente caminha
[ao teu lado,

ela, que forma a tua imutável essência,
a mais pura, a mais verdadeira parte
do teu angustiado e dramático ser.

O QUERUBE

A Maria de Lourdes Pires da Rocha

O Querube surgiu,
e a sua forma era a de um grande clarim lu-
[minoso.

E esse clarim era tal que cantava sozinho,
tal que nunca ninguém logrou guardá-lo
numa golada, como se fosse um pássaro.
E todos os homens práticos inutilmente se
[esforçavam

por conseguir prender esse clarim fantástico,
e armavam contra ele, de dia e de noite,
em todas as horas em que ele cantava,
armadilhas traiçoeiras,
e só podiam pensar nas somas fabulosas
que lhes daria a venda do Querube.

Vieram, porém, os poetas,
e começaram a ouvir, encantados, a voz do
[Querube.

e uns diziam para os outros:
"Irmãos, esse clarim é do céu. Vamos ouvir o
[prodigioso instrumento que canta
[sozinho!"]

INEXISTENTES — (A Aníbal Freire)

Mucio Leão

Eu, Querube cantava,
um grande escândalo das gentes poderosas
[do mundo.

Uma decisão dos governos estabeleceu
que cada poeta que amasse o Querube,
cada poeta que se deliciassem ouvindo a sua voz
para a vida toda preso nas mais lóbregas
[nas prisões do Estado.

Mas os poetas não se atemorizaram com a
[decisão dos governos
e continuaram da mesma forma a ouvir en-
[cantados

quando voz do Querube,
quando uma para os outros:
"Ouçamos, ouçamos esse prodigioso clarim,
[Ouçamos, irmãos, essa voz que
[nos chega dos céus!"

Desde então, nos séculos, a voz longa e
[profunda do Querube
cessa de cantar por sobre a terra
[triste,
e todas as prisões estejam cheias dos
[poetas melancólicos,
que vivem ouvindo o clamor deslumbrante
e esse instrumento maravilhoso.

MAOS

Estas mãos são as mãos carinhosas,
as mãos que dão vida e que protegem.
Estas mãos são as mãos muito leves
que afagam a cabeça das crianças.

Estas mãos são as mãos benfazejas,
que distribuem bálsamos e canoas com os
[necessitados.

Estas mãos são as mãos ardentes e trêmulas,
que desfolham rosas, nas horas do amor,
sobre o ente querido.

Estas mãos são as mãos comovidas,
que folheiam com exaltação os livros dos
[poetas.

Estas mãos são as mãos religiosas,
que, no silêncio das igrejas,
se erguem juntas para Deus.

Estas mãos hão de um dia agitar-se com
[angústia,
aspirando um consolo, um conforto, um
[viático.

Estas mãos hão de um dia mover-se, im-
[perceptivelmente,
no último gesto de adeus para as coisas e o
[mundo.

Estas mãos hão de um dia fazer,
adormecidas e rígidas,
formando uma cruz coberta de flores,
sobre um peito também adormecido e rígido.

SALMO

Eu ti, eu vejo a que não teve princípio nem
[terá fim.

Eu ti, eu vejo a que anda esparsa na alma e
[no corpo de todas as mulheres.

Eu ti, eu vejo aquela que todos os homens
[desejam, quando desejam um be-
[ijo de mulher.

Eu vejo a que dá prazeres infinitos aos seus
[amantes.

Vejo Abisag de Sunam, a que seduziu o rei
[David na sua triste velhice.

Vejo a filha do Farão, a que povoa de de-
[sejos e encantamentos a mocida-
de de Salomão.

Vejo Maria — o Amor que é consolação —
[a que sofreu mil vezes a morte,
[contemplando os sofrimentos do
[Salvador dos Homens.

Vejo Madalena — o Amor que é redenção
[— a que dessedentou no olhar de
[Jesus a sua alma ansiosa de
[ternura.

Eu ti, eu vejo Helena, a que arrebatou o
[amor dos guerreiros, a que acen-
[deu a guerra no mundo.

Eu ti, eu vejo a sedução e o pecado. Vejo a
[falsedade. Vejo a mentira e a
[verdade.

Eu ti, eu vejo a morte e a vida, a destruição
[eterna e a eterna renovação.

Ajoelhe-me aos teus pés, e, contrito, rezo-te
[o meu hino de adoração.

AS ESTRELAS PARADAS

A RIBEIRO COUTO

Durante milênios, fiquei retido na caverna,
fiquei solitário, sofrendo a saudade ardente
[da forma e da ideia,
a saudade ardente da luz, e sobretudo do di-
[vino movimento dos astros,
em cuja contemplação vivera noites infinitas.

Fiquei retido na caverna, sofrendo a saudade
de todas as antigas revelações que um dia
[havia deslumbrado os meus
[olhos.

Baldadas foram todas as tentativas que fiz
[para libertar-me da caverna,
do peso e da solidão horrível da caverna.

Eu sofria lá dentro — eu, que havia sido
[espírito,
eu, que havia amado a luz,
eu, que havia compreendido a divina harmo-
[nia dos movimentos dos astros —
porque todos os esforços que empenhava
[para fugir da caverna eram inúteis.

Um dia, porém, ao cabo de inauditos tra-
[balhos,
consegui entreabrir uma fenda na porta cer-
[cada da caverna.

Entreabria, e precipitei-me, louco, para fora,
no deslumbramento de ver de novo
a palpação da luz nas amplitudes cobertas
[de astros.

Precipitei-me para o ar livre, para a terra
[livre, para as coisas livres,
ansioso de contemplar, ainda uma vez, a
[marcha divina das estrelas livres.

Mas, oh! sagrado céu! no espaço haviam pa-
[rado as estrelas!

SENTIMENTO MISTERIOSO

Sentimento misterioso,
que no silêncio noturno
vais levando a minha mão
e vais pondo no meu cérebro
rímicos vagos e estanhos,
— de onde é que vens, sentimento?

Que indefiníveis influxos
te estarão trazendo a mim?
Que almas vêm sofrer em ti?
De que remotas esferas
desceas, molhado de pranto,
santificado de dores?

A MUSICA

Oh! Conseguir exprimir o inexprimível!
Libertar-se das rudes palavras
e ir buscar outra tradução mais sôfisticada
[sentimentos.

Fugir da materialidade da linguagem dos
[homens
e ir encontrar na música
— na doce música impalpável —
a expressão de todas as emoções e de todas
[as ideias.

BORBOLETA

A verdade é que estou na terra trazido por
[motivos desconhecidos,
que só agiram no inconsciente.

A verdade é que nada sei das razões pro-
[fundas ou frívolas
que me conduziram até aqui.

Por isso deixo que soprem os ventos de todos
[os quadrantes
sobre aquela aza humilde e vaga de borboleta,
que ali vejo,
a agitar-se loucamente, debaixo da luz do sol.

O CORPO E A ALMA

Na cama em que estás deitado, com os bra-
[ços abertos,
vejo o teu corpo,
e reparo que ele toma a forma de uma cruz.

O que não posso ver é a tua alma:
tua alma, onde estão palpitando os cravos
[ardentes,
onde existe a esponja de vinagre e fel,
onde trazes, sangrenta, a corôa de espinhos.

AS MAOS DESLIGADAS DO CORPO

Eu queria ver as tuas mãos desligadas do
[teu corpo,
distantes do teu corpo,
a serviço unicamente do teu espírito.

Queria ver se reflexos de transcendentais
[estrelas
não viriam pousar sobre elas.

Queria ver se uma língua de fogo,
misteriosa e purificadora,
não desceria sobre elas.

O S P A I S E S

O CEGO

Sua última impressão, e a mais intensa, qual
[terá sido?
No momento em que sentiu que ia perder a
[divina luz dos olhos,
qual terá sido a imagem suprema que se fixou
[em seu espirito?

Terá sido a imagem das estrelas, fulgindo
[no límpido céu de Agosto?
Terá sido a imagem das ondas, rolando den-
[sas nas praias alvas?
Terá sido a imagem de sua mãe, sorrindo,
[terna, entre os bandos brancos?
Terá sido a imagem da mulher amada, bri-
[lhando, desnuda, na alcova em
[flor?
Ou terá sido aquela imagem do homem so-
[fredor e meigo,
do homem que olhava tristemente, coroado
[de espinhos, e com um ramo de
[oliveira entre as mãos?

AS TRES MOÇAS

Três barcos iam fugindo
nas longas águas do mar,
Três moças muito bonitas,
cada uma no seu barco,
iam viajando, viajando...
A primeira ia sorrindo,
a segunda ia cantando
e a terceira soluçando.

Três grandes rastos de espuma
nas ondas iam ficando
dos barcos que iam fugindo.

A primeira dessas moças,
eu te digo, era a Esperança,
la sorria um sorriso
meigo e cheio de encanto.
E não por seu sorriso
as estrelas iam vindo
e iam deixando cair
luzes ardentes no mar.

A segunda dessas moças,
também te digo quem era:
era a Saudade — a Saudade
que sabe tantas cantigas,
que tem embalos tão doces,
la cantando, e parece
que a sua voz encantada
as ondas do mar paravam,
para melhor a escutar.

Mas a terceira das três
— e eu não te direi quem era —
era a mais linda de todas.
la triste soluçando
e jogava sobre as ondas
vermelhas rosas cheirosas.
Rosas que em cima das ondas
ficavam tristes boiando
e iam tomando a forma
de corações que sangrassem,
corações que perfumavam
a imensidade do mar.

PARTIR

A Ademar Tavares

[Sinto-me como se fosse um batel, atrado po-
[los mares sem fim.

Meu impeto é partir, vencer as altas ondas,
[partir,
Perder-me nas imensidades, fundir-me nas
[águas azues, diluir-me no teu seio
[ardente. Oceano!

Longe — pressinto — estão as ilhas, as
[doitadas
ilhas cobertas de coqueirais,
que ternamente cantam sob as ventanias.
Estão os países carinhosos, onde moram as
[serenas.
Estão os rios de leite transparente,
as virgens terras noturnas onde vão dormir
[as estrelas.

Meu impeto é partir para essas ilhas es-
[tranhas.
E' vencer mares, dominar procelas, conquista-
[tar os distantes países perdidos.

Ah! quem pudera quebrar as âncoras inven-
[cíveis,
as âncoras que laceram o fundo triste das
[ondas?

A POESIA QUE DESCE
AO POETA

Poeta, ser estranho, ser enigmático entre os
[céres!
Vejo-o, isolado das cores, das formas e das
[idéias,
isolado, nessa crepuscular solidão que o
[acompanha.

E é então que vejo descer sobre ele
uma com sombra de celestiais eflúvios:
— a Poesia, a Poesia de inesperadas resso-
[nâncias,
a grande Poesia, que é uma exalação indefi-
[nível,
que é um som infinito, vindo de outras re-
[giões,
que é a comunicação miraculosa de outros
[céres e de outras regiões.

CORTEJO

São noivas, são amantes, são prostitutas, são
[santas?
Que fazem elas, enchendo os grandes cami-
[nhos,
povoando a noite com um grito e um suspiro,
e deixando na treva, como novas estrelas,
os argentes sinais dos pobres pés martiri-
[zados?

ARCO-IRIS

No teu caminho brotaram cardos,
no teu caminho infinito e celeste, Yolanda!

Teus pés, que sulcavam a estrada,
feriram-se nos cardos, nos grandes cardos
[celestes, Yolanda!

Nos espinhos dos cardos teu sangue brilhou,
transformando-se em rosas vermelhas, Yo-
[landa!

Oh! turbilhões de contelações, estrelas pur-
[purinas,
sangue palpitante dos pés feridos de Yolanda!

A DANSARINA

A Cassiano Ricardo
I

O Universo começou a existir quando a Dan-
[sarina dansou.

Seus véus, que flutuavam, roçaram nos ne-
[bulosas,
e as nebulosas se condensaram em mundos.

O contacto leve dos seus pés impalpáveis é
[que foi distribuindo as contelações.

Foram suas mãos, palpitantes como asas de
[pássaros feridos,
que regularam a colocação e a ordem das
[estrelas.

Foi ela quem ordenou: "— Formai-vos!" às
[coisas da terra.
E logo as coisas da terra — minerais, vegetais
[e animais — se formaram.

Porque o Universo precisava existir,
para entoar o cântico de glorificação à Dan-
[sarina.

II

Oh! Tragam-se esses véus flutuantes,
que a Dansarina agita, quando dança,
ao ritmo de suas músicas estranhas.

Tragam-me esses ágeis sapatos de ouro,
que a mantêm suspensa nos ares,
na divina levitação dos seus bailados.

Tragam-me essas mãos leves e inquietas,
que palpitam no ar,
como duas asas de pássaros feridos.

Tragam-me esse perfume que se exala, es-
[bem sei do seu corpo,
do seu corpo, que é eternamente virgem,
apesar de todos os contactos.

Oh! Tragam-me a música, o ritmo e o
[embalo,
o impeto e a quietação,
a côr, a amargura, o movimento e a forma.

Tragam-nos, para que o Universo inteiro
[possa ser
um unânime canto de glorificação à Dan-
[sarina.

CANTICO DE ALELUIA

Os tempos volveram, na infúnta magia.
O poeta e a sua Musa se viram, de sú-
bito, transportados ao sortilégio de um velho
dia, de um dia religioso: do dia em que cria-
da ainda, o poeta penetrara no templo, para
o divino mistério do seu batismo.

A Musa, que, silenciosa, caminhava ao
seu lado, ia o poeta falando, fazendo-a com-
preender o enigma que se encerrava nas co-
sas ressuscitadas.

E, ao caminhar para o templo, ia ele se
lembrando de que ali se havia batizado, de
que ali se haviam batizado todos os seus ir-
mãos, de que ali se haviam casado seus avós
e seus pais.

Suave e tranqüila, a Musa seguia ao lado
do poeta.

As portas do templo, entre os numero-

INEXISTENTES -- Mucio Leão

... e os dois, que resavam e pediam emo-
ção, poeta e a Musa, se ajoelharam, e ora-
vam juntos, a mesma oração.

Imediatamente, o poeta voltou os
olhos para a Musa. Mas os doces olhos lindos
da Musa estavam molhados de ansiosas lá-
grimas.

Então, os dois penetraram no templo,
no Mistério dos mistérios! Mistério das
coisas que jamais serão vistas!

Lá dentro realizava-se uma cerimônia es-
petacular e maravilhosa.

Meno e triste, na dor de sua paixão, o
poeta agonizava, sob o peso da cruz. Sa-
cerdotes inúmeros O cercavam, andando em
torção d'Ele, e entoando as palavras de um
sacro composto pelos anjos.

O poeta e a Musa ajoelharam-se, tímida-
mente, do lado de um retábulo fulgurante, em
que se via o Evangelista Marcos, tendo ao la-
do o seu leão simbólico.

De repente, os tempos humanos se precipi-
taram, as coisas todas cessaram de existir,
e o poeta religioso e a sua religiosa Musa se
viram arrebatados até ao sólio da eterna Luz,
da Luz inextinguível.

Na imensidade cheia de prodígios soava
o cântico infinito:

— Alelúia! Alelúia! Alelúia!

O HOSPEDE

O viajante chegou, e com certeza pouco se
[vai demorar.

Não se zanguem com ele, portanto,
não o maltratam,
não blasfemem contra ele.

Dê-lhe uma côdea de pão,
dê-lhe uma taça de vinho,
dê-lhe uma cama, em que ele possa repou-
[sar dos cansaços da longa viagem.

Não se inquietem, não se irritem com ele.

A sua permanência é rápida, tão rápida!

Amanhã, com os primeiros alvares do sol,
ele terá partido para sempre, oh! para sempre!

A NEVE SUBMERGE O MUNDO

Como tudo está triste! Como tudo está frio!
Dir-se-ia que lá fora estão caindo mortalias
[de neve.

Dir-se-ia que estão caindo montanhas imen-
[sas de gelo,
montanhas que vão flutuando sobre as ondas
[inquieta destes sonhos.

Ao meu lado, eu te sinto. Estás trêmula e
[gelada. Estão geladas as tuas mãos.
[Os teus lábios estão gelados. Ge-
[lados estão os teus seios. Gelados
[estão os teus olhos — os teus
[olhos onde as próprias lágrimas
[são lágrimas de gelo.

Repousa, meu amor, entre esses sudários de
[neve que nos cobrem.

e que incessantemente continuam a cair do
[céu.

Não tardará muito, e esses montes de gelo
[terão submergido tudo,
e a terra irá dormir no seu túmulo frígido.

VIAGEM À REGIÃO DE UMA LENDA

Aqui estou, meu amor, ao teu lado.
Vencendo todas as dificuldades dos caminhos,
vim encontrar-me contigo; e contigo percor-
[rer de novo
esta adorável região de uma lenda.

Bem sei que é noite, meu amor, e nem tu,
e nem esses doces arcanjos que te cercam,
poderão acompanhar o ansioso peregrino
além de certos prodígios.

Contudo, meu amor, peço-te que me acom-
[panhes nas indicações essenciais.
Bem sei que certos aspectos desta região de
[uma lenda
muito se transformaram.

— Os milharais, por exemplo, os grandes mi-
[lharais, que eram louros, debaixo
[do sol louro,
estes já não crescem mais.

Também o rio — o meigo rio da infância —
[está triste e está morto.

(Que importa, porém, esteja morto o rio —
[se outras infâncias nele bebem
[agora
a intensa poesia, que mais tarde lhes há de
[ser doçura e consolação?)

Sim: que importa, meu amor, tenha morrido
[o rio,

se os velhos cajueiros, todos abertos em frutos
[amarelos e frutos cõr de sangue,
[continuam a nos enviar seus flo-
[ridos convites?

Agora, meu amor, tu foste repousar com os
[teus doces arcanjos.

Eu vou percorrer sozinho, — embora a chu-
[va seja inclemente —
esta adorável região de uma lenda.

Aqui, eu bem sei, como nos remotos países
[das fadas,

há ogres, há gigantes, há monstros de estran-
[hos feitios.

Já o que outrora chamávamos Basilisco — a
[ave sinistra de olhos de chama e
[bico de ferro — veio ao meu en-
[contro.

E o seu bico de ferro castigou-me a teme-
[ridade

de visitar os invioláveis domínios
desta adorável região de uma lenda.

(Não importa, também, o ataque do Ba-
[silisco,

porque aqui estão, desafiando os meus olhos,
os velhos segredos que tanto me preocupa-
[ram,

que me fizeram sofrer tanto...)

Oh! ali estão (e eu os encontro, enfim!) os
[antigos mastros dos navios des-
[feitos,

dos misteriosos navios, que iam sempre par-
[tir, sem me levar jamais!

E ali estão (e enfim eu as vejo, oh! como eu
[as posso claramente ver!)

as águas fecundas, as águas mansas, as águas
[eternas,

as águas que estão pedindo viagens, parti-
[das, perdições sem fim em terras
[também sem fim,
e tudo com a sacrosanta promessa de um
[maravilhoso regresso, um dia.

O POETA ESCREVE DEBAI- XO DAS PEDRAS

O poeta, solitário, escreve debaixo das pedras.
Suas trêmulas mãos vão erguendo as mon-
[tanhas
que o céu impiedoso despenha sobre ele.

Mas, debaixo dessas pedras ardentes,
que caem e que o martirizam,
o coração ferido do poeta resplandece,
os lábios feridos do poeta cantam.

E as mãos feridas do poeta
— as mãos que escrevem na sombra, de-
[baixo das pedras —
são duas estrelas sonoras,
que entoam um hino de amor e piedade
à glória de Deus.

ADVERTENCIA AOS HOMENS FUTUROS

Meus irmãos de outros dias futuros,
quando ouvirdes, de noite,
quebrando a serenidade da treva silenciosa,
um rumor de passos que se aproximam,
não vos arreceieis:

— serei eu, que venho trazer-vos minhas
[derradeiras mensagens.

Então, terei partido para decifrar todos os
[enigmas

e assenhorear-me de todas as revelações.

Meu ser, hoje esmagado pela incompreen-
[são e pela ignorância,

resplandecerá, tocado do divino conhecimen-
[to da Verdade,

da Verdade sem tempo e isenta de categorias.

A Sabedoria morará em mim,
e eu estarei boiando na Sabedoria,
como, no começo das coisas, o Espírito de-
[Deus boiava sobre as águas re-
[pousadas.

Mas não vacilarei em abandonar o meu reino,
o meu reino de quietude e de silêncio re-
[velado,

para vir trazer-vos, meus irmãos de outros
[dias futuros,

as minhas derradeiras mensagens.

Oh! poetas, séres de eleição a quem Deus
[entregou uma cruz de suplício e
[uma estrela de glória,

procurai ouvir minha voz,
que ela há de falar-vos de além dos espaços
[materiais.

Oh! músicos, oh! pintores, oh! escultores, oh!
[artistas de todas as artes!

Oh! sábios, oh! filósofos, oh! sacerdotes que
[heis de existir na intimidade dos
[ídolos sagrados!

Oh! todos vós que heis de viver segundo a
[vida do espírito:

prestai atenção aos sussurros tímidos das
[noites cheias de ressonâncias,

pois serei eu que nelas virei dizer-vos gran-
[des palavras serenas.

Um noivado de Bilac - Um depoimento interessante HEREDIA EM PORTUGUÊS - 16 traduções de Freitas Guimarães

O diretor de AUTORES E LIVROS recebeu do sr. Pedro Penchel uma carta a propósito do noivado de Olavo Bilac com a Maria Sílvia da Costa.

Como se trata de um depoimento pessoal de valor, pedimos a vinda do autor da carta para dar-lhe divulgação.

É a carta do sr. Pedro Penchel.

Excmo. sr. dr. Mucio Leão, recebo licença para dirigir a v. sa. saudações cordiais e ressaltar, com os votos que faço pela sua felicidade. Foi há pouco, em uma tarde, o n.º 8 da revista "Letras Brasileiras", ocasião de apreciar um artigo da lavra de v. excia., sob o título: "Noivado de Bilac". É realmente a descoberta e a extrinsecação de uma obra que a literatura brasileira, que até agora ignorava o fato da vida amorosa do grande poeta. Vivendo o escritor sempre em meios adiantados, onde se iam ser apreciadas as belezas pessoais e intelectuais do mesmo, causa estranha que nunca se tivesse pensado a alguém, porque, na dúvida, não lhe faltariam adoradoras. Já se discutiram os méritos dos poetas célebres de nossos países, sendo um ponto de vista sempre a atenção dos leitores; mas o caso de Bilac, que grande novidade, despertando interesse nos meios literários, é, certo, dentro em breve, assunto de v. excia., sobre o qual paginas encantadoras, em todas as que saem da penca de v. excia., o fim desta é trazer-lhe o seguinte: Há três ou mais ou menos, visitando a casa, sr. dona Corina Cora de Oliveira Domingus, professora de piano, residente em Campinas, vive a satisfação de representar a dona Célia, filha de Bilac. Admirado com a atuação, comecei a palestra com a dona Célia tendo ela me

dito que, realmente, fora noiva de Bilac, guardando do mesmo cura, (com certeza a do rompimento do noivado) poesias a ela dedicadas e pequenas lembranças. Faltamos muito sobre o Poeta, tendo ela me dado informações sobre a doença e morte do mesmo. Dona Célia era de estatura regular, morena magra, com poucos cabelos brancos e olhos muito vivos e inteligentes; conversava muito bem e seus traços indicavam ter sido bela na juventude. Possuía vivacidade de espírito e firmeza de idéias. Trajava-se modestamente, mas com rigoroso assento. Apesar da idade, recitou algumas quadras da poesia dedicada a Emilia dos Neves, feita por Francisco Moisés Barreto, avô de dona Célia, como me disse ela. Verifiquei que era senhora inteligente e de raríssimas qualidades capazes de atrair a amizade do Príncipe dos poetas brasileiros em todos os tempos. Demonstrei, pela época em que foi educada, ter boa cultura literária. Perguntando-lhe se fazia versos, sorriu-se, dando novo rumo a palestra. Disse-me que guardava, como reliquia, uma flor do jardim da casa de Marília, em Ouro Preto, colhida pelo pai, da mesma, quando em visita aquela cidade. Faço esta observação porque é possível que a flor apareça como tendo sido lembrança de Bilac. Por diversas vezes tive ocasião de encontrar-me com dona Célia, no Meier, e ela sempre me reconhecia, provando assim estar firme de idéias. Em uma das vezes, saudou-a, dizendo-lhe: Bone dia, princesa. Compreendendo a razão do título, sorria-se tristemente. Dona Célia morava com uma sobrinha, que dirigia, então, um grupo de amadores, que trabalhavam no teatro "João Caetano", na rua Grúlio, em Todos os Santos. Patei-me que a re-

ferida sobrinha poderá dar-lhe alguns esclarecimentos sobre a vida de dona Célia. No teatro, com certeza, poderão informar-lhe onde mora a moça, sobrinha da primeira. É possível que as informações prestadas possam lançar muita luz sobre o caso que irá despertar grande interesse e curiosidade nos meios literários. Dona Célia nunca se referiu a nossa encantadora e querida literata dona Gilda Machado, digníssima progenitora do desenhado travesso que se chama Ecos Volusia. Quanto a dona Corina, posso informar a v. excia. que mora na rua José dos Reis, no Engenho de Dentro, e tem um filho chamado Claudenor, funcionário dos Correios daí. Ela poderá confirmar o que digo, porque foi testemunha da conversa e, talvez, também, possa dar-lhe esclarecimentos sobre a vida de dona Célia.

Como v. excia. não me conhece, tendo, portanto, o direito de duvidar das minhas afirmações, como a liberdade de indicar-lhe algumas pessoas que poderão dar-lhe informações sobre minha idoneidade e são: coronel Garcez, diretor do "Glanio Hitoruna", prof. Brant Horta, do Instituto de Educação e membro da Academia Mineira de Letras; e os drs. Artur Bernardes e Afonso Pena Júnior, pessoas muito conhecidas aí.

Dejojo ardentemente que v. excia. seja muito feliz no resultado de suas investigações e que, dentro em breve, nós, amigos da literatura, possamos ler suas paginas magistrais sobre os amores de Bilac.

Com elevada estima e consideração, sua de v. excia., Ard. admtdor, at. grato,

Pedro Penchel

Cornumbá, 15 de abril de 1944 — rua João Pessoa, 119-A — Mato Grosso.



Freitas Guimarães

FREITAS GUIMARÃES

João de Freitas Guimarães nasceu em Caidas, Estado de Minas, em 7 de outubro de 1873. Aos sete anos, foi levado para Campinas.

Estudou humanidades no Seminário Episcopal de S. Paulo, e no Colégio Culto a Ciência, da cidade para onde viera com sua família.

Matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1891, e ali, bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais em 1895. Em maio de 1896, foi nomeado promotor público do 2º distrito da capital paulista, e em 1904 sub-procurador geral do Estado, cargo que ocupou até setembro de 1913 e depois para exercer a advocacia em Santos, onde reside com sua família.

Pertence à Academia Paulista de Letras, onde ocupa a cadeira n.º 7, que tem como patrono José Bonifácio e como por serviços relevantes prestados ao Catolicismo, foi-lhe a Cruz "Pro Ecclesia et Pontifice".

E se tornou efetivo no Colégio Araldico de Roma e socio-responsável da Academia Aiasub-procurador geral do Estado de Lisboa.

Bibliografia de Freitas Guimarães

Freitas Guimarães tem publicados cinco livros de versos: Estrofes; Fuga das Horas; Ainda... e Sempre. Publicou, igualmente, dois estudos jurídicos: A Intervenção em Direito Internacional; O Realismo Positivista em Direito Público. Anuncia, como a publicar, duas novas coleções de poesias: — Anoitece; e Inveni Fortum to último de versos religiosos; além de volumes de discursos e conferências.

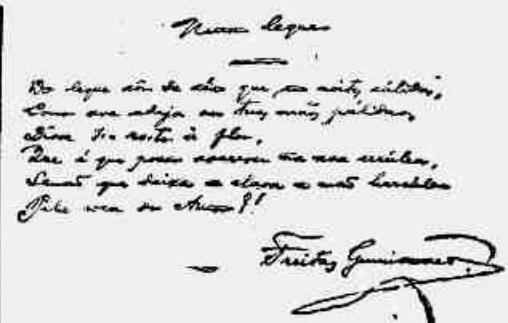
CORREDOR

Tal qual Delfos o viu, aclamado e poenteito, Deixar Thyos atrás, o estafido devorando. Ladras parece voar, o alio sóro esfiando. Com êneos pés, esbeto e mais veloz que o vento. Braço estendido, o dorso avante, o gibor atado. Vê-se um saor de bronze a fronte lhe aliofando. Dir-se-lhe ter fugido o atleta ao molde, quando O fundin o escultor, chejo de vida e alento. Fremente de esperança e de febre, palpita. Arfa-lhe o peito, ao lábio o ar que fende lhe finta. Põe-lhe em relevo o esforço, os músculos de metal. Em rápida carreira o ardor o precipita. E para obter na arena a vitória mais alta, Val por cima passar do próprio pedestal.

NOTA SOBRE A "HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA" (3.ª edição)

Dr. A. Z. — Os artigos, da História travada entre os seções Mucio Leão, Antonio Simões dos Reis e Joaquim Ribeiro de um lado, e Nelson Romero de outro lado, a propósito da História da Literatura Brasileira de Silvio Romero, 3.ª edição, têm as seguintes datas:

- Artigos de Mucio Leão: — Uma reedição de Silvio Romero — A MANHÃ, 20 de outubro; 5 de novembro; 12 e 19 de dezembro de 1943; 1 de janeiro de 1944.
- Uma reedição de Silvio Romero — Autores e Livros, vol. V, pag. 256; vol. VI, pag. 26, 47, 65 e 97.
- Artigo de Antonio Simões dos Reis: — Nelson Romero versus 3.ª edição da História da Literatura Brasileira — Autores e Livros, vol. VI, pag. 284.
- Artigos de Joaquim Ribeiro: — Silvio Romero e João Ribeiro — A MANHÃ — 16 e 25 de dezembro de 1943.
- Autores e Livros — 16 de janeiro de 1944.
- Artigos de Nelson Romero: — Uma reedição de Silvio Romero — A MANHÃ — 14, 21 e 28 de novembro; 10 e 14 de dezembro de 1943; — Rachado de Assis e Silvio Romero — A MANHÃ — 4 de dezembro de 1943.



"Num leque" — autógrafo de Freitas Guimarães

OUVINDO A GRANDE PIANISTA MARIA DE FALCO

Na melancolia do cair da tarde
Eu ouço um piano soluçando,
Desfeio em sombra, em nuagem, em pranto, em ate;
Desfolhando,
No regaço divino da saudade,
Beijos de sangue, amores desgraçados.

Chopin soluça...
Há gritos, gemidos, e lamentos no ar.
A tarde é um grande circo azul ardendo:
A luz se esvai; as folhas caem; as aves morrem;
Tudo deserto, funebre, sombrio.
Desde as ondas do mar até às águas do rio,
Chopin agoniza...
É a paixão que exterioriza, é a dor que se humaniza,
Purificando a vida, transfigurando o mundo;
Choram as rosas... calam-se as fontes...
Um sino plange, ao longe, plange, piedosamente,
Dion... Dion... Dion...
... são oitares pelados, vozes mortas, beijos desfeitos,
Crucificando
A alma da tarde e o coração da gente.

LAURINDO DE BRITO

